

Women in Antiquity, New Assessments *

Pedro Paulo A. Funari**

Este livro resulta do Primeiro Congresso Internacional sobre as Mulheres no Mundo Antigo, realizado em Oxford, em setembro de 1993, congregando 18 autores que se voltaram para debater, de maneira crítica, o estudo das mulheres na Antiguidade Clássica. O volume procurou juntar especialistas de diferentes origens e formações e, já no primeiro capítulo, Beryl Rawson chama a atenção para a importância de uma abordagem interdisciplinar, que faça convergir disciplinas como a História, a Arqueologia e as Letras (p.11:20). A autora faz um balanço crítico dos estudos sobre a família antiga, ressaltando o papel central que a família nuclear exercia no mundo romano e a fragilidade de generalizações prevalentes em *best sellers*, citando, explicitamente, Paul Veyne e sua contribuição para a *História da Vida Privada* que “não oferece documentação detalhada e pode ter uma infeliz influência, derivada da qualidade das reproduções e do prestígio da coleção, pois os especialistas podem não conseguir fazê-lo” (p.3).

Marilyn A. Katz, em “Ideologia e o ‘*status da mulher*’ na Grécia Antiga” (p. 21-43), demonstra que nossa própria compreensão da sexualidade e das diferenças entre os sexos foi mediada, de forma crucial, pelos discursos, dos séculos XIX e XX, sobre esse tema. Seguindo as propostas de Martin Bernal, propõe que se impõe estudar as raízes do Orientalismo, nos últimos

* HAWLEY, Richard & Levick, Bárbara. (eds.) Londres, Rotledge, 1995.

** Departamento de História, Universidade Estadual de Campinas.

Women in Antiquity

duzentos anos, ao menos, para que se possa repensar a História das mulheres na Antigüidade grega. Outra abordagem original é apresentada por Ken Dowden, ao sugerir o estudo da mitologia e de suas construções discursivas, como as tragédias (p.44-57), avenida seguida também por Froma I. Zeitlin em seu estudo sobre “o mito de Pandora: dando significado à diferença” (p.58-74). O estudo arqueológico dos cultos de Deméter e de Kore, em capítulo escrito por Lucia Nixon (p.76-96), permite que a autora conclua que a história dessas divindades é incomum em diferentes aspectos: subverte a história tradicional da garota grega e centra-se na relação harmoniosa entre mãe e filha, por oposição àquela violenta entre pai e filho. Na mesma linha, Lin Foxhall interpreta o calendário ateniense como uma composição entre as atividades de trabalho dos homens e os rituais femininos, prevaletentes na religiosidade helênica (p.97-110).

Sarah B. Pomeroy defende o abandono do modelo evolucionista tradicional, baseado na noção de tribos fundadas pelos patriarcas, em benefício do modelo revisionista que considera a frátria, o genos e o demos como partes da polis madura, resultante da reorganização de Clístenes. Embora a identidade da família dependesse dos homens, a mulher pode ter papéis importantes, como se observa em epígrafes em que se destacam as esposas e as filhas (p.118). Voula Lambropoulou, em seu estudo sobre “algumas virtudes femininas segundo a doutrina pitagórica” (p.122-134), lembra que os pitagóricos pregavam a completa igualdade entre homens e mulheres e não distinguiam livros de escravos. Fintis (“Sobre a prudência das mulheres”) não hesita em dizer que “coragem, justiça e inteligência são qualidades comuns a homens e mulheres” (p.129), notando-se que coragem, pela própria origem da palavra, é um atributo masculino (*andréia*). Helen King e Danielle Gourevitch tratam da documentação médica antiga sobre a relação as mulheres e as doenças, sendo particularmente instigante o estudo da segunda

sobre uma doença essencialmente masculina, a satíriase (no caso feminino, a satíriase consistia em uma excitação incontrolável).

Mary Beard, cujo artigo no *Journal of Roman Studies* de 1980 sobre “o status sexual das virgens vestais” tornou-se um estudo pioneiro de referência, apresenta uma “releitura da virgindade vestal” (p.166-177). A autora reapresenta os argumentos originais, as reações e críticas de inúmeros estudiosos e propõe uma desconstrução do próprio texto original, experiência intelectual pouco usual, mas que permite observar como a leitura originalmente proposta por Beard, por pretender chegar a certezas (“as Vestais não eram ou virgens ou matronas, eram ambas e, ainda, homens”), não corresponde à necessária complexidade da questão. Mireille Corbier, por sua parte, mostra com a *domus Augusta*, no período dos júlio-cláudios, embora sempre baseada na figura do *paterfamilias*, articulava-se pela ação feminina, em especial no que se refere à sucessão (p.178-193). Liisa Savunen volta-se para uma questão enigmática: o papel das mulheres nas eleições pompeianas (p.194-206). Se, em termos legais, as mulheres não tinham qualquer papel político, as mensagens eleitorais (*programmata*) patrocinadas por mulheres estão a demonstrar que tinham uma influência real, em geral subestimada.

Braund, ao estudar a voz de Laronia na Satira 2 de Juvenal, conclui que seu discurso não procura reproduzir as idéias de uma mulher, mas é uma paródia formulada pelo autor machista (p.215). Outras fontes literárias, contudo, podem fornecer dados importantes sobre a posição social e poder de atuação femininos. Baine Fantham trata, a partir da “Apologia” de Apuleio, da possibilidade de escolha da viúva rica Aemilia Pudentilla que, ao casar-se com Apuleio, teve um marido jovem, inteligente e, em certo sentido, em posição de dependência em relação à esposa. A partir de analogias com outras épocas e lugares, como, em particular, com Florença, conclui que mulheres como Pudentilla podiam ter uma vida mais livre das amarras

Women in Antiquity

tradicionais. Encerra o volume um estudo de Arma Wilson sobre o calendário grego e a importância das santas (p.233-247).

Como toda coletânea de textos, o volume apresenta uma variedade de estudos específicos, com abordagens também diversas, mas alguns pontos comuns podem ser discernidos. Em primeiro lugar, nota-se a preocupação com a desconstrução do discurso sobre as mulheres, pois os antigos têm sido interpretados a partir de nossas próprias experiências e teorias modernas. Não se pode, pois, escapar de um olhar historiográfico, ao se pretender estudar criticamente o passado. Em segundo lugar, destaca-se a constante interpenetração de categorias de evidências (literárias, epigráficas, materiais) e de abordagens (históricas, mas também, sociológicas, lingüísticas, antropológicas, entre outras), a demonstrar que, desta forma, se consegue produzir uma reconstrução menos parcial e redutora. Em terceiro lugar, mas não menos importante, busca-se um distanciamento dos discursos generalizantes e que tudo explicam, esvaziadores da dúvida, substituídos pelas incertezas e multiplicidade de interpretações de casos particulares. Não fossem os outros méritos já explicitados, estas três mensagens metodológicas bastariam para recomendar a leitura desta coletânea.